Volume II

Quinta Parte – 5d

Expressando o conceito de amor no Mundo do Desejo

É estranho relatar que essa nossa felicidade – tão profunda, tão forte, tão transcendente, tão incomparável em toda a história da afeição humana – nem sempre foi isenta de anseios e arrependimentos irracionais. O ser humano nunca é tão abençoado ao ponto que consiga que sua bem-aventurança seja ainda maior.

A realidade do nosso companheirismo, da nossa verdadeira posse um do outro (durante nosso tempo concedido), era absoluta, plena e profunda. Nenhum Darby que já viveu poderia ter tido lembranças mais doces, mais calorosas e mais ternas de que qualquer Joan[1] do que tenho agora de Mary Seraskier! Embora cada um fosse, de certa forma, apenas uma ilusão aparente do cérebro do outro, a ilusão não era para todos. Foi uma ilusão que mostrou a verdade, assim como a ilusão da visão. Como grãos gêmeos em uma concha ("Philipschen", como Mary o chamou), tocamos em mais pontos e estávamos mais próximos do que o resto da humanidade (com cada um deles uma concha separada). Nós tentamos e testamos isso de todas as maneiras que podíamos imaginar, e nunca nos culpamos, e nunca deixamos de nos maravilhar com tamanha maravilha. Por exemplo, recebi cartas[2] dela na prisão (e as respondi) em um código complexo que havíamos inventado e aperfeiçoado juntos durante o sono, e referindo-se a coisas que aconteceram a nós dois quando estávamos juntos.

Provavelmente, nossos privilégios eram aqueles que jamais ser humano algum poderia ter desfrutado antes. O tempo e o espaço foram aniquilados para nós pelo mero desejo de qualquer um – vivíamos em um palácio de deleite; todos os luxos concebíveis eram nossos – e, melhor do que tudo, e perenemente, o frescor e a euforia que pertencem apenas à manhã da vida – e o amor um pelo outro (o resultado de circunstâncias não paralelo) já que o tempo nunca poderia parar ou extinguir-se até que a morte deveria vir

---

[1] N.T.: Darby e Joan é uma frase proverbial para o conteúdo de um casal compartilhar uma vida tranquila de devoção mútua.
[2] Nota de MADGE PLUNKET: Várias destas cartas estão em minha posse.

e nos separar. Tudo isso, e mais, foi nossa porção durante oito horas em cada período de vinte e quatro.

Portanto, o que devemos fazer, às vezes, é não se preocupar, pois as dezesseis horas que restaram não nos pertenceram mesmo; que devemos viver dois terços de nossas vidas separados; que não podíamos compartilhar as labutas e dificuldades de nosso trabalho diário, existência de vigília, como compartilhamos a maravilhosa recompensa de nosso aparente sono – as glórias de nosso sonho comum.

E assim, lamentaríamos os anos perdidos que passamos em mútua ignorância e separação – um desperdício de vida deplorável; quando a vida, dormindo ou acordado, era tão curta.

Como as coisas poderiam ter sido diferentes conosco, se não tivéssemos nos conhecido!

Nunca precisaria ter perdido a visão e o toque um do outro; poderia ter crescido, aprendido, trabalhado e lutado juntos desde o início – menino e menina, irmão e irmã, amantes, marido e mulher – e ainda assim ter encontrado nossa abençoada terra de sonhos e vivido nela da mesma forma.

Nós poderíamos ter tido nossos filhos! Doces crianças, lindas como o dia, como nos contos de fadas de Madame Perrault; até mesmo linda e boa como sua mãe.

E ao falarmos desses pequenos seres imaginários e tentávamos imaginá-los, sentimos em nós uma capacidade estupenda por amarmos um ao outro, que caímos no choro um no ombro do outro. Eu conhecia tão bem, como se isto tivesse feito parte de minha própria experiência pessoal, toda a paixão e ternura, toda a angústia perdida de sua breve e malfadada maternidade: a própria dor de meu ciúme por ela ter dado à luz a um filho de outro homem foi esquecida naquela compreensão forte e completa! Ah, sim ... aquele amor faminto, aquela pena absurda, que não saber é dificilmente ter vivido! Mesmo sem filhos (embora tenha idade para ser avô), tenho sentido tudo aquilo!

Jamais poderíamos nutrir a esperança de ter um filho ou uma filha nossa. Para nós, a bendita flor do amor em floração rica, abundante e incessante; mas seu bendito fruto da vida, nunca, nunca, nunca!

Nossos únicos filhos eram Mimsey e Gogo, entre eles e nós havia um abismo intransponível, e que não tinham consciência de nossa própria existência, exceto pela estranha consciência de Mimsey, de que uma Fada Tarapatapoum e um Príncipe Encantado estavam cuidando deles.

Tudo isso acabaria como deveria ser, em compreendermos mais totalmente nossa total dependência uns dos outros por tudo o que fazia com que a vida valesse a pena ser vivida, ingratos que éramos, mas um paraíso na terra para nós dois e, de fato, não podíamos deixar de reconhecer que, desta maneira, amar e ser amado era em si mesmo, uma coisa tão imensa (fora todas as outras bênçãos que tínhamos) que estremeceríamos diante de nossa audácia em ousar desejar algo mais.

******

Assim acelerou três anos, e teria acelerado todo o resto, talvez, não fosse por um incidente que marcou uma época em nossas vidas conjuntas e direcionou todos os nossos pensamentos e energias para uma nova direção.

Mary, a Duquesa das Torres

De uma fotografia de Strlkzchuski, Varsóvia